

JEANNETTE MARIA DIAS DE LIMA
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Subsistência há 9.000 anos

Nas escavações da Furna do Estrago, abrigo sob-rocha localizado no município do Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco, resgataram-se restos alimentares de origem animal e vegetal, em camadas basicamente constituídas por cinzas de fogueiras, datadas em 9.150 ± 90 A.P. e 8.495 ± 70 A.P., datações obtidas sobre amostras de carvão encaminhadas à Smithsonian Institution.

Cerca de 90% dos restos alimentares de origem animal correspondem a ossos de pequenos roedores como o preá, o mocó e o punaré. Em pequena escala ocorreram ossos de marsupial, de tatus, de lagartos, de pequenas aves, raras cascas de ovos e fragmentos de própolis de abelha (Fotos 1, 2 e 3).

Paralelamente ocorreram concentrações de moluscos (*Megalobulimus* sp.) sobre carvão e cinzas (foto 4), e grande quantidade de fragmentos dessa mesma espécie dispersos nas camadas de cinzas, o que parece indicar que eram largamente consumidos, possivelmente, como fonte de proteínas. Foi observado, também, que muitos desses moluscos foram utilizados como instrumentos, sendo exploradas todas as suas possibilidades de utilização, nos níveis que antecederam ao abandono do sítio, o que sugere uma redução da oferta desse recurso alimentar há aproximadamente 8.000 anos.

Os restos vegetais são, predominantemente, caroços de imbu (*Spondia tuberosa* Arr. Cam.) e coquinhos da palmeira ouricuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.), ocorrendo em menor proporção outros coquinhos como o catolé (*Syagrus oleracea* Mart. Becc.), bem como, fragmentos de frutos do jatobá (*Himeneaea*) e pequenas porções de resina de anjico (*Piptadenia macrocarpa* Benth.), que é medicinal.

A pequena quantidade de sementes de frutos silvestres, particularmente do imbu, parece indicar que esses frutos eram consumidos no campo e poucos eram levados para o abrigo. A área escavada do Corte 5, por exemplo, com cerca de 5m², forneceu apenas 70 caroços de imbu.

Todas essas evidências testemunham um tipo de subsistência de coletores caçadores generalizados, mais coletores que caçadores, e apontam para condições ambientais muito limitadas, evidenciadas pela pobreza dos recursos de caça. A exploração da flora xerófila da Caatinga e a coleta de moluscos foram, provavelmente, os suportes da subsistência do grupo.

O costume ainda presente em remanescentes indígenas e populações do interior do Nordeste, de utilizar como alimento nos períodos de seca, o bró-de-licuri que é a farinha do tronco da palmeira ouricuri, a massa retirada da entrecasca do pau-da-serra, a farinha da cabeça da macambira (*Bromelia laciniosa* Mart.), a torta de sementes da faveleira (*Cnidioscolus phyllacanthus* (Muell. Arg.) Pax. et Hoffm.), cactáceas como o xique-xique (*Pilocereus gounellei* Weber), o facheiro (*cereus* sp.) e outras espécies nativas da Caatinga, certamente reflete um hábito alimentar estabelecido ao longo de muitos milênios de adaptação ao semi-árido.

Estudos relativamente recentes indicam que a farinha de macambira tem um teor de amido próximo ao da farinha de mandioca, o seu teor proteico é três vezes maior, e a sua riqueza em cálcio corresponde a 15 vezes a contida no leite. Segundo BESSA, 1968 (citando CASTRO, 1957), essa riqueza em cálcio, associada ao alto potencial energético e à regular riqueza proteica, faz da farinha de macambira uma das farinhas alimentícias mais nutritivas do mundo e de uso altamente recomendável na alimentação humana.

A possibilidade de uma alimentação à base de caça de megafauna não parece viável, uma vez que, o material lítico associado aos restos alimentares resgatados nas escavações da Furna do Estrago é basicamente constituído de pequenas lascas de sílex e de quartzo, quase todas inespecíficas. Não ocorreram as grandes pontas utilizadas pelos caçadores especializados no abate e descarnação dos animais de grande porte.

Outro argumento para afastar a hipótese da alimentação à base da caça de megafauna no agreste pernambucano, há 9.000 anos, é que essas pontas também não tem sido encontradas, associadas ou não, em jazidas de fósseis de animais pleistocênicos, frequentemente descobertas quando se constroem um açude ou barreiro. O mapa anexo das jazidas de fósseis de animais pleistocênicos (Prancha 3), prospectadas pela equipe de arqueologia da UNICAP no município do Brejo da Madre de Deus, mostra como esses sítios são numerosos, porém, estéreis em material lítico.

Esse conjunto de dados fortalece a hipótese de que, em torno de 9.000 e 8.000 anos atrás, o agreste pernambucano sofreu

um rigor climático favorável apenas à sobrevivência de uma fauna de pequeno porte.

É possível que a secura ambiental que caracterizou o pleistoceno tenha se prolongado durante o início do holoceno no agreste pernambucano, e que tenha sido acompanhada de dias cada vez mais quentes e de noites ainda muito frias. O consequente intemperismo físico poderia desencadear pequenas condensações e precipitações noturnas – tipo orvalho – suficientes para a proliferação dos moluscos. Se isto aconteceu, a fauna pleistocênica já deveria estar extinta há muitos milênios.

A análise dos testemunhos arqueológicos de 9.000 e 8.500 anos atrás, resgatados na Furna do Estrago, indica que nesse período os recursos alimentares foram escassos e obtidos através da caça de animais de pequeno porte, com predominância de pequenos roedores, da coleta de moluscos terrestres (*Megalobulimus* sp.) que se tornaram raros, bem como, da coleta da flora xerófila da Caatinga que, provavelmente, teve uma importância fundamental para a sobrevivência do homem na região, principalmente nos períodos nos períodos de expansão da semi-aridez.

A permanência do homem no sítio Furna do Estrago, produzindo fogueiras continuamente alimentadas num espaço de tempo de pelo menos 500 anos, poderia ser explicada pela presença de água perene nesse local. Um ponto d'água, em plena Caatinga, deve ter funcionado como pólo de atração e de fixação de grupos humanos pré-históricos, e laboratório das suas experiências em função da subsistência no semi-árido.

Subsistência Há Cerca de 2.000 Anos

A datação de 1.040 ± A.P. para uma camada de carvão situada em torno de 25 cm. de profundidade, acima das fossas funerárias de uma população que utilizou a Furna do Estrago como cemitério, permitiu uma estimativa de datação para esses sepultamentos de aproximadamente 2.000 anos.

Os artefatos ósseos associados aos sepultamentos revelam a existência de uma fauna de médio porte que provavelmente fazia parte da dieta alimentar daquela população.

Entre os artefatos ósseos encontraram-se adornos fabricados com raios de aves, pingentes de metatarso de carvão e de dentes caninos de felinos, contas de colar de ossos de ema e de outras aves e mamíferos, apito com duas perfuração para suspensão, fabricado sobre úmero de ave voadora, espátulas elaboradas sobre metatarso e costela de cervídeo, e furador, de metacarpo de cervídeo (Pranchas 4 e 5).

A fauna testemunhada nesses artefatos ósseos indica um meio-ambiente rico em recursos de caça e, portanto, mais favorável à fixação humana que o existente há 9.000 anos.

Nenhuma ponta de flecha foi encontrada associada aos sepultamentos. Entretanto, a presença de tacapes em duas sepulturas masculinas pode sugerir que alguns animais eram abatidos com essa arma. Outros poderiam continuar sendo capturados por meio de armadilhas, conforme ocorre atualmente.

Associados aos sepultamentos, há testemunhos da exploração de recursos vegetais de meio-ambiente diversificado: a Caatinga e a Mata Serrana. O caroá (*Neoglaziovia variegata*, Mez) espécie vegetal da Caatinga, era utilizado na fabricação de cordinhos e de redes, folhas de palmeiras foram empregadas na fabricação de esteiras e de cestos que envolviam os mortos, cipós serviram para fixar os corpos na posição fletida e amarrar os fardos funerários, lascas de caules de palmeiras, entrecasca de árvores e folhas, foram cuidadosamente dispostas no revestimento das fossas funerárias, sementes de gindiroba (*Fevillea trilobata* L.) e de pequi (*Caryocar coriaceum* Wittm.) foram perfuradas e utilizadas como contas de colar, bem como, flores de jilibrana (*Ipomoea martii* Meissner) e frutos do jatobá (*Hymenaea*).

O estudo dos esqueletos* realizado pelas professoras Marília Carvalho de Mello Alvim e Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza, revelou que essa população era bem nutrida. Há pouca incidência de cáries, indicando uma alimentação não fundamentada em produtos farináceos cozidos ou preparados, portanto, a agricultura não devia fornecer a base da alimentação.

Comparando-se com populações arqueológicas, o padrão de abrasão dentária se assemelha ao dos grupos de Lagoa Santa, porém os dentes dos esqueletos da Furna do Estrago são mais fortes e apresentam, muito frequentemente, altas proporções de tártaro salivar que é indicador de alto teor de calcificação. Segundo as professoras Alvim e Mendonça de Souza, a estrutura dentária, em conjunto, é mais forte no grupo da Furna, tendendo à calcificação mais acentuada dos tecidos e das placas, não chegando porém a ser tão estruturada como a das populações sambaquieiras típicas, cujo padrão dentário é excelente.

* Foram estudados 60 esqueletos de uma população homogênea de braquicéfalos.

O provável consumo da farinha de macambira por esse grupo, certamente contribuiria para proporcionar o seu padrão dentário.

A disponibilidade de recursos alimentares nas proximidades da Furna do Estrago no período em torno de 2.000 anos atrás, permitiu a fixação da população, crescimento populacional e complexidade cultural, apoiados numa economia de caça e coleta.

O material resgatado em escavação aponta para uma subsistência baseada, principalmente, na exploração dos recursos naturais disponíveis, tanto na Caatinga como na Mata Serrana do Bituri, localizada a cerca de 6 Km do sítio (Prancha 2).

A presença de contas de colar e pingentes elaborados sobre conchas marinhas da família Olividae, denuncia contatos com o litoral, situado a cerca de 200 Km do sítio, percurso que poderia ser facilmente coberto em 40 horas de caminhada, numa média de 5 Km por hora (Prancha 1).

Incursoes de índios do interior ao litoral, principalmente durante a safra do caju, foram registradas nos séculos XVI e XVII pelos cronistas. Esses índios chegavam em grupos de poucas pessoas e eram vistos como nômades vagabundos, porém os desenhos que os reproduziram mostram pessoas fisicamente robustas e bem proporcionadas o que parece indicar que eram bem nutridos.

A safra do caju provavelmente era um atrativo que se juntava ao prazer de excursionar durante o verão.

O costume que tem os índios de se dispersarem em pequenos grupos familiares para excursionar durante o verão, tem sido registrado em estudos recentes sobre tribos indígenas brasileiras.

A população sepultada há 2.000 anos na Furna do Estrago, possivelmente também explorava os recursos alimentares do litoral e da zona da mata, que lhe antecede no percurso. Outras regiões como o vale do São Francisco e o sertão provavelmente também eram visitadas, sendo utilizados os leitos secos dos rios como caminhos seguros.

Há 2.000 anos atrás a subsistência no agreste pernambucano se apoiava na caça de animais de médio porte com predominância do veado e da ema, e na coleta da flora tanto da Caatinga como da Mata Serrana, possivelmente complementada com alguns cultivos de espécies utilitárias como o coité (*Crescentia cujete* L.), além dos recursos obtidos em incursões sazonais a outras regiões como o litoral e também, possivelmente, o sertão e o vale do São Francisco.

As evidências arqueológicas apontam para condições climáticas rigorosas – temperatura em elevação acompanhada de seca por um período prolongado, entre 9 e 8 mil anos atrás – acarretando escassez de alimentos, pobreza de recursos de caça, exploração da flora xerófila da Caatinga e migrações para outras regiões. Enquanto, há 2 mil anos, os recursos alimentares apresentavam-se diversificados e abundantes, possibilitando a fixação de grupos humanos, crescimento populacional e complexidade cultural, mesmo em grupos pré-ceramistas como o da população sepultada na Furna do Estrago.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, Aziz Nacib. Páleo-clima e páleo-ecologia. **Anuário de Divulgação Científica**. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, (5): 33–51, 1978–80.
- O domínio morfoclimático semi-árido das caatingas brasileiras. **IBILCE São Paulo**, (6), 1980.
- Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. **IBILCE, São Paulo**, (8), 1980.
- ANDRADE, Gilberto Osório e LINS, Rachel Caldas. Introdução ao estudo dos "brejos" pernambucanos. **Arquivos do Instituto de Ciências da Terra**. Recife, (2): 21–34, out. 1964.
- ANDRADE LIMA, Dárdano de. Estudos fitogeográficos de Pernambuco. **Arquivos do Instituto de Pesquisa Agrônomicas**. Recife, 5: 305–41, 1960.
- BESSA, M. Negreiros. **A Macambira (Bromélia Forrageira)**. Caderno de Cultura. Secretaria de Cultura do Ceará, 1968.
- CALADO, Fr. Manoel. **O Valeroso Lucideno**. Lisboa, 1668.
- DUQUE, Guimarães. **O Nordeste e as lavours xerófilas**. Banco do Nordeste do Brasil S.A., 2ª ed., 1973.
- LAND, Ney. **Relatório ao SPI em 26.04.1965**. (Datilografado). Acervo do Arquivo Público de Pernambuco.
- LIMA, Jeannette Maria Dias de. Pesquisa Arqueológica no Município do Brejo da Madre de Deus–Pernambuco. **Symposium Revista da Universidade Católica de Pernambuco**. Recife, 26 (1): 09–60, 1984.
- Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus–PE. **CLIO Revista do Mestrado em História da UFPE**. Recife, (7): 97–111, 1985.

Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus–Pernambuco Recife, 1985. 146 p. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Antropologia da UFPE.

- LUKESCH, Anton. **Mito e vida dos Índios Caiapós**. São Paulo, Pioneira Editora, 1976.
- LYRA, Ana Lúcia Relvas Tavares de. **A Condição de "Brejo"; efeito do relevo na vegetação de duas áreas no município do Brejo da Madre de Deus (Pernambuco)**. Recife, 1982, 105 p. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Botânica da UFRPE.
- OLIVEIRA, Carlos Estevão de. O ossuário da "Gruta-do Padre", em Itaparica, e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do Nordeste. Separata do **Boletim do Museu Nacional XIV. XVII–1938–41**, Rio de Janeiro, 1943.
- PINTO, Estevão. **Os indígenas do Nordeste**. São Paulo, 1935. (Brasiliense, 44).
- Relatório do Ministério da Agricultura Comércio e Obras Públicas, 1879**. Acervo do Arquivo Público de Pernambuco.
- SAHLINS, Marshall D. **Sociedades Tribais**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2 ed. 1974.
- SEEGER, Anthony. **Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.
- SILVA, Luiz José da. Ofício ao Presidente da Província em 29.01.1878. **Manuscritos Diversos–Pernambuco – 1878**. Acervo do Arquivo Público de Pernambuco.
- SILVEIRA, José Velloso da. Relatório ao Presidente da Província em 10.02.1855. **Manuscritos da Diretoria dos Índios – 1853–1860**. Acervo do Arquivo Público de Pernambuco.
- Ofício ao Presidente da Província em 28.02.1859. **Manuscritos da Diretoria dos Índios – 1853–1860**. Acervo do Arquivo Público de Pernambuco.
- TAVARES, Sérgio. **Madeiras do Nordeste do Brasil**. Recife, Universidade Rural de Pernambuco, 1959. 173 p. (Monografia, 5).
- VIDAL, Lux. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xikrim do rio Cateté**. São Paulo, Hucitec–Eldus, 1977.

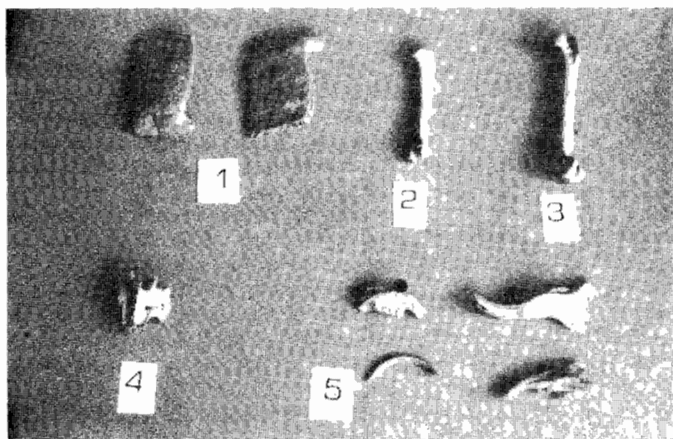


FOTO 1

1. Placas de Dasypodidae, 2. Úmero de Caviidae, 3. Fêmur de Caviidae, 4. Bacia de Caviidae, 5. Mandíbulas de Caviidae.

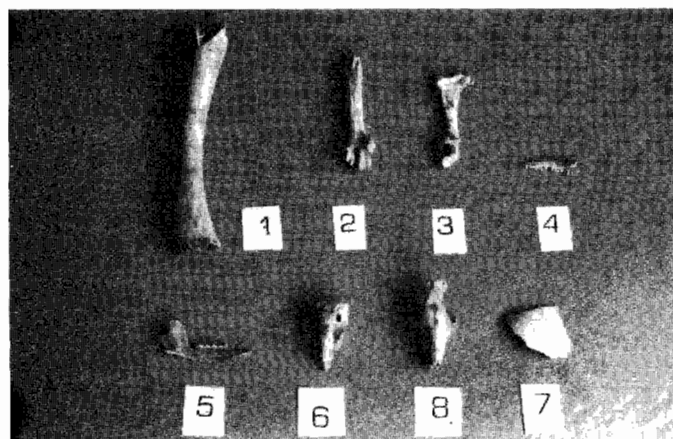


FOTO 2

1. Úmero de ave, 2. Metatarso de ave, 3. Clavícula de ave, 4. Mandíbulas de Lacertilia, 5. Mandíbulas de Marsupialia, 6. Bico de Psittacidae, 7. Casca de ovo, 8. Crânio de Marsupialia.

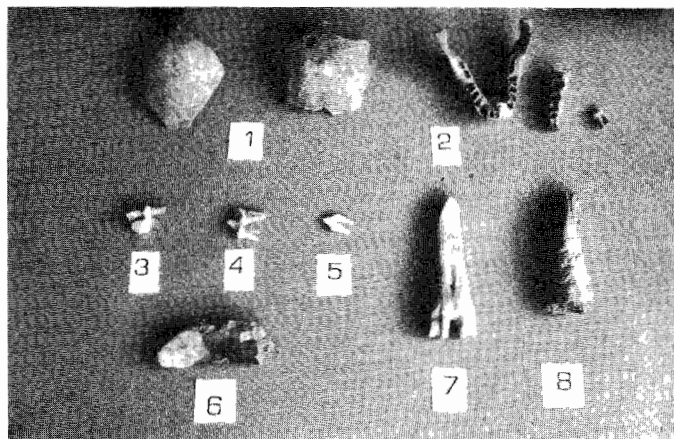


FOTO 3

1. Parte de crânio de Simiae. 2. Mandíbulas de Simiae. 3. Molar de Cerviidae. 4. Molar de Canidae. 5. Pré-molar de Canidae. 6. Canino de Tayassuidae. 7. Metapódio de Cerviidae. 8. Galhada de Cerviidae.

ARTEFATOS ÓSSEOS

SÍTIO FURNA DO ESTRAGO-BREJO DA MADRE DE DEUS-PERNAMBUCO

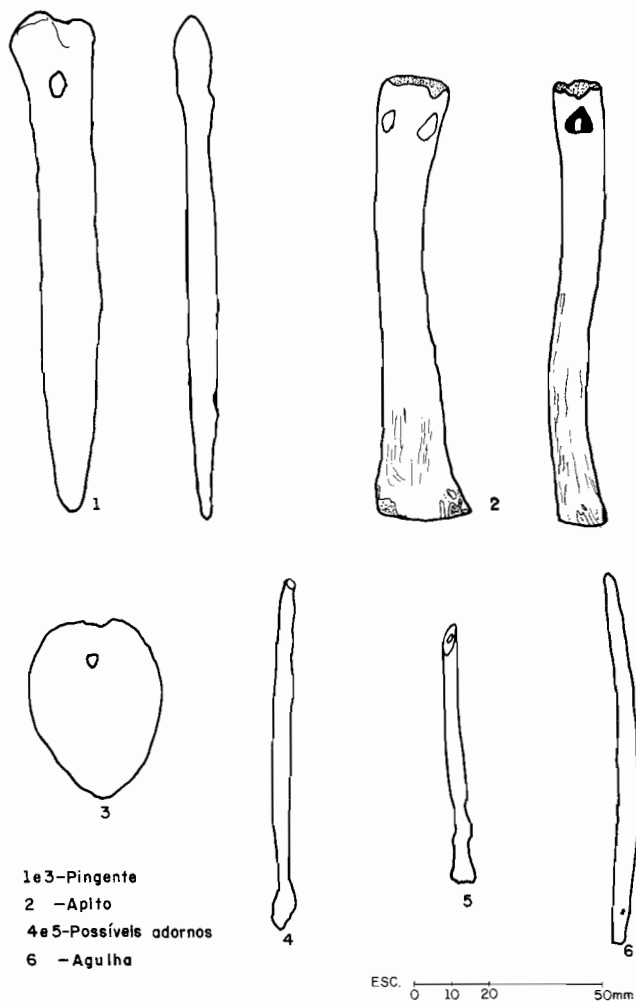
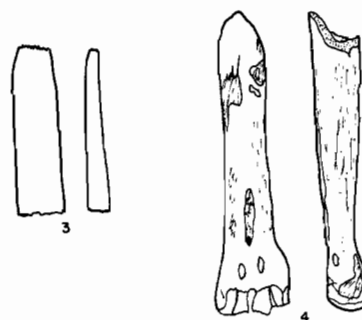
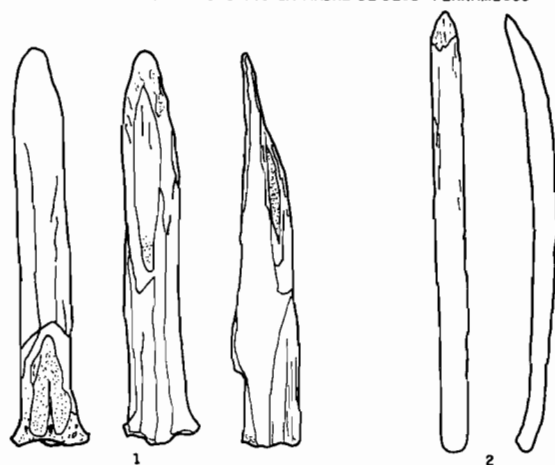


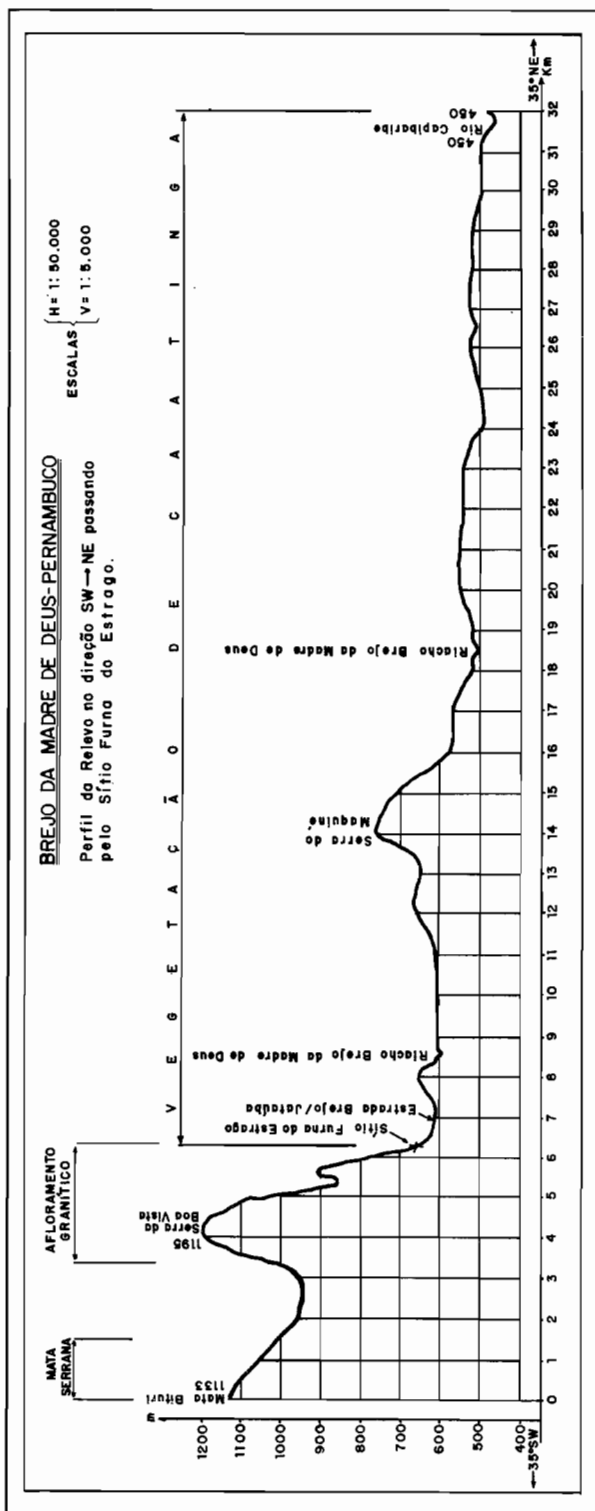
FOTO 4

Moluscos terrestres (*Megalobulimus* sp.) dentro de fogueira de 9.150 + - 90 A.P.



- 1e2 — Espátulas elaboradas sobre metatarso e costela de cervídeo.
 3 — Espátula (fraturada) em diáfise de mamífera.
 4 — Furador sobre metacarpo de cervídeo.

ESC 0 10 20 50mm



MAPEAMENTO DAS JAZIDAS DE FÓSSIS PLEISTOCÊNICOS PROSPECTADAS

